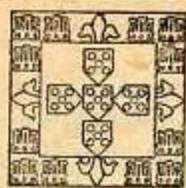


# ARAUTO



1965  
Fevereiro  
ANO VIII  
N.º 39

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1  
Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: DR. TOMAZ DA ROSA

Redactores  
Carlos Freyão e Manuel Bettencourt

Redactor Desportivo  
João Castro

Administrador  
Herberto Faria

## INVERNO...

Inverno... Ruas desertas... Monotonia... Desolação...

A chuva cai, ininterrupta, há já algumas horas, deixando os caminhos escorregadios e perigosos para as raras pessoas que com este tempo se atrevem a sair. Sinto-a bater, pesada, na vidraça, e esse som monótono desperta em mim pensamentos confusos, tristes.

E' curioso como um dia assim nos pode infundir esta tristeza, esta sensação esquisita e inquietante que não somos capazes de definir. E' como que um presentimento de que em breve surgirá algo inesperado, que virá modificar toda a nossa vida.

Neste momento, com a chuva a cair densa sobre a cidade, e o vento a rugir irado pela janela aberta do quarto ao lado do meu, penso quão poderosa é a força dos elementos revoltados, da natureza em fúria. Isto faz-me sentir pequenina, como nos tempos ainda recentes em que era criança e me retraía, humilde, por um momento receosa da voz irada da minha professora, certamente abismada com as maldades de que eu era capaz.

Hoje cresci, essa época já passou, e só este dia triste de Inverno me fez recordar de novo com saudade.

Vejo através da janela, nas terras aqui em frente, as canas secas curvadas pela ventania, numa cons-

(Conclui na 2.ª pág.ª)

## Formação de Quadros

No início das passadas férias do Natal, no Varadouro, reuniram-se durante três dias todos os graduados e chefes de secção do Centro n.º 1, realizando-se então um Curso de Formação de Quadros para o presente ano lectivo de 1964-65.

Simultaneamente, foi elaborado um plano de actividades, respeitante a este mesmo período de tempo, e que se encontra já em parcial execução, o qual a seguir inserimos:

### Secção de Camaradagem

- Aquisição e empréstimo de livros
- Subsídios para uniformes, propinas e medicamentos
- Passeio em data a fixar com os filiados do 1.º ciclo

### Secção Cultural

- Realização de sessões culturais
- Realização de uma sessão de Bingo
- Possível realização de um espectáculo teatral

- Excursão em data e local a fixar
- Museu de aves
- Propaganda turística por meio de diapositivos
- Exposição dos trabalhos executados durante o ano - 28 de Maio
- Realização de campeonatos de Dóminó e Damas

### Campismo

- Acampamento da Páscoa na Madalena
- Realização de provas de campo.
- Quinas rumo ao campo
- Acampamentos de fim de semana

### Secção Desportiva

- Curso de árbitros
- Campeonatos de Tiro, Andebol, Basquetebol, Ténis de mesa, Futebol de salão.

Foi recebida, entretanto, a visita do digno Director do Centro, sr. Dr. Tomás da Rosa, que tomou conhecimento do referido plano.

Foram ainda praticadas algumas provas de campo. Abaixo apresentamos um aspecto do supradito curso.



## FUGA

Para trás a cidade!

Um mundo construído de edificios variados, desde as simples vivendas despreziosas, erguidas em série, monotonamente iguais, que bordam as bermas de qualquer rua sem nome, até aos arranha-céus que se recortam imponentes no azul pálido do céu.

Um céu obscurecido pelos negros fumos de fábricas e maquinismos e que tantas vezes é contemplado através das mais ignotas traieiras!

Mais...

Um mundo vivido em trabalho, azáfama e movimento, em que, nesse imenso oceano terrestre, todos são naufragos lutando sófregamente para alcançar a jangada, e em que cada um quer chegar primeiro que o outro.

Esse outro posso ser eu, podes ser tu, somos todos nós, afinal!

Ainda mais...

Um mundo de ruído, miragem e bulício, onde o grito angustiante da sereia trágica nos impressiona ape-

(Conclui na 2.ª pág.ª)

### AGRADECENDO

Como órgão da M. P., o «Arauto» não podia deixar passar este número sem fazer referência à generosa cederência, pelo senhor Governador do Distrito, de cerca de 134 tendas de campanha, ao Centro Escolar n.º 1.

O «Arauto» torna-se assim porta-voz do Centro e apresenta a Sua Excelência os seus mais reconhecidos agradecimentos.

(Conclusão da 1.ª pág.ª)

nas momentaneamente, desumanizando-nos, pois o seu eco já irá servir, talvez, le tom ao pregão do arlino na sua faina.

Confusão!

Para trás a cidade!

Toda uma carreira louca, inquieta, para um fim ignorado mas vivido.

Cansaço!

Para trás a cidade!

... Agora somente o barulho surdo do automóvel e a paisagem repousante do campo e mar.

Assim, um pouco mais, sempre assim.

Mas eis-nos chegados.

Olhamo-nos! Compreendêmo-nos!

O silêncio é-nos salutar. Nada de palavras vãs que iriam, talvez, chocar-se com fragor de encontro à frágil muralha de encantamento construída à nossa volta.

Corremos! Libertos, enfim!

Alegria e risos!

À nossa frente estende-se, infundável, a toalha azul do oceano, irisada pela luz do sol.

E até nós chega o acre perfume dos mares.

Os nossos pés nus, ágeis, galgam a praia, pisando caprichosamente a superfície polida da fina areia.

Calor, luz, cor! Mar e areia!

Sentar! Fechar os olhos e não pensar!

Deixar fugir o pensamento ao sabor da fantasia, libertá-lo dessa escravatura, por assim dizer, permitir-lhe mesmo, se lhe aprouver, acompanhar a canção mágica das ondas.

Sensação de liberdade. Um misto de quietação e frescura.

Levantamo-nos, fortalecidos, ágeis, leves!

Capazes de lutar renhidamente, de vencer os mais duros obstáculos, de continuar uma causa não acabada e tantas vezes ainda não começada.

Prodígio? Juventude!

Prosseguir sempre na escalada...

Para a Frente!

Viver! Viver!

LIA

(Conclusão da 1.ª pág.ª)

tante saudação a quem passa.

Ocorrem-me, então, as eras passadas, a riqueza inútil das famílias nobres, e o fausto dos bailes na corte, os criados de librés azuis, botões dourados, curvados até ao chão num cumprimento exagerado, a receber os convidados para a festa, abrindo as portas dos negros coches às damas que depois por eles passam, desdenhosas, ignorando a sua presença, num frou-frou de sedas caras, escondendo os rostos atrás dos leques pequeninos.

A rua ainda está deserta, o vento sopra forte de nordeste, e a minha imaginação continua divagando, acumulando ideias.

Um cão uiva ao longe, misturando o seu lamento ao lúgubre rugir da ventania. Esse uivo aumenta a minha nostalgia, causa-me um arripio involuntário de terror que logo procuro esquecer.

Uma pequenita, embrulhada numa manta verde, saiu dum portal aqui perto, a correr, saltitando para evitar as inúmeras poças de água, e desapareceu mais adiante. Quebrou por um instante a monotonia da rua.

Lembro-me então de dezenas de outras crianças pobres que habitam miseráveis tugúrios, e para as quais os dias como o de hoje não as impedem de sair, calcorreando as estradas a pedir esmola. E enquanto isso acontece, na taberna próxima, os pais gastam os poucos escudos que conseguiram juntar nesse dia, ao jogo ou em enormes copos de vinho que engolem dum trago.

De novo olho para fora. Junto às valetas a água escorre devagar, inundando parte da rua. O céu, cor de chumbo, está tão pertininho de nós que parece apertar-nos numa rede invisível, sufocando-nos. Tão baixo que mal conseguimos divisar as lanchas na baía.

O Pico perdeu a sua majestade. Desapareceu atrás duma cortina de pesadas nuvens cinzentas.

Estamos completamente rodeados de nuvens, isolados do resto do mundo, semelhando pobres náufragos vogando no mar alto ao sabor caprichoso das vagas.

Agora a chuva amainou, desapareceu quase por completo.

De onde em onde passam transeuntes apressados, impermeáveis a escorrer água, guarda-chuvas abertos, saltitando sobre as pedras da calçada para evitar molhar os pés mal protegidos,

Depois tudo volta ao silêncio, um silêncio convidativo e repousante que nos leva à meditação.

Não fosse o tic-tac do relógio, e eu teria a impressão de que o mundo parou, tal o sossêgo que reina na cidade.

O meio-dia aproxima-se, e com ele o ruído de passos, a agitação característica da saída dos estudantes do liceu e das escolas, numa revoada de alegria, pondo uma nota de animação na desolada e triste paisagem de Inverno.

Mas por enquanto tudo é calma, tudo é paz, uma paz repousante para as nossas almas cansadas das

constantes tribulações do dia a dia.

Olho ao longe... A medida que a tarde avança, o tempo vai melhorando. Agora já não chove e podemos finalmente respirar à vontade, libertos das malhas que antes quase nos sufocavam. Começam a aparecer as primeiras casas do Pico.

Pelas bermas das estradas que conduzem para fora da cidade, correm frisos de árvores que na Primavera se enchem de folhagem verde, oferecendo generosamente a sua sombra ao viajante encalorado, mas que agora são apenas troncos despidos nos quais a seiva parece ter deixado de circular.

Troncos nus, libertos da verde folhagem... Troncos ressequidos, ávidos de vida.. Ramos retorcidos, erguidos ao céu numa súplica muda como mãos em oração, implorando um pouco de alívio para as misérias terrenas.. Ramos levantados ao infinito, como almas ansiosas por subir cada vez mais alto, por se libertarem da miséria de todos os dias... Árvores despidas.. Troncos envelhecidos... Almas cansadas.. Vidas vazias.

Inverno... Tristeza... Nostalgia.. Desolação!

NADINAL

## Tempestade

— E' horrível, murmuravam algumas pessoas quando eu lá cheguei.

O panorama era grandioso para um estranho que, como eu, ali chegara havia apenas alguns minutos. Um enorme lago, muito sereno, em cuja superfície afloravam alguns montes de terra, simulando ilhas em pleno oceano.

Admirado com tudo aquilo e ainda sem saber por que ali se encontravam todas aquelas pessoas, inquiri a um homem, que sem eu

me aperceber se havia posto a meu lado: eh mestre, qual a causa de todo este bulício?!

O interpelado olhou para mim um tanto ou quanto indignado, e perguntou por sua vez:

— Homem, quer que eu lhe responda?

Como eu lhe desse resposta afirmativa ele continuou:

— Diga-me: por onde tem andado nestes últimos dois dias?

(Conclui na 4.ª pág.ª)

# Almas Bondosas

(CONTO)

É inverno. O dia está escuro, neva, relampeja, o vento assobia pelas frinças das portas e o frio penetra-nos até aos ossos.

Uma pobre criança rotinha, descalça, mortinha de fome e a tiritar de frio e de medo, está abrigada num portal.

Eis que passa por ali, num luxuoso automóvel, uma velha senhora, ricamente vestida, que caridosa e compadecida se aproxima da criança com bons modos.

Pergunta-lhe como se chama, se tem pais ou irmãos, se são pobres e onde é que mora.

A menina diz que se chama Mariazinha, que não tem pai e que tem muitos irmãos, que como ela andam de portal em portal a tiritar de frio, cheios de fome.

Então a senhora, entristecida por ver tanta pobreza, leva a menina para sua casa, veste-lhe roupinhas quentes, calça-lhe botinhas e prepara-lhe uma abundante refeição de pão com manteiga e café.

Mariazinha ficou radiante e quando se preparava para partir, após o tempo ter melhorado um pouco, a senhora ofereceu-lhe uma nota de 100\$00 para ela entregar à sua mãe, a fim de comprar alimentos e agasalhos para os seus irmãozinhos, e disse-lhe que sempre que precisasse dela voltasse a sua casa.

A menina agradeceu, jubilosamente, e partiu, cantarolando, quase sem ligar importância a nada, nem mesmo às montras que naqueles dias — vésperas de Natal — se encontravam repletas de brinquedos e de outras coisas maravilhosas.

Ao chegar a casa entregou o dinheiro à mãe e contou-lhe a ela e também aos irmãos, que a escutavam atentamente, a generosidade daquela senhora que

tão bem a havia tratado.

A mãe da menina até chorou de alegria, porque naquele dia poderia melhorar o jantar dos seus filhos e comprar-lhes alguns agasalhos.

A própria senhora também se sentiu satisfeita por ter praticado uma boa acção.

Mariazinha jamais se esqueceu da senhora, e aproveitando bem este exemplo de caridade, resolveu segui-lo.

Passam-se meses...

Era uma manhã magnífica, e como sempre, a mãe preparava o lanche para Mariazinha levar para a escola.

la esta a caminho da escola, quando reparou que no meio da estrada estava um petiz muito magoado, que com certeza na brincadeira com os outros tinha tropeçado e caído.

Mariazinha condoida do rapazinho, abeirou-se dele e levantou-o com todo o cuidado.

Em seguida levou-o até casa, como pôde, e com o auxílio da mãe começou a tratar do pequeno ferido.

Lavou-lhe o ferimento com muito jeito e aplicou-lhe alguns medicamentos.

Depois de o ter tratado tentou saber quem eram os pais da criança, que aflitos a procuravam sem saberem a causa da demora.

Ficaram descansados, quando souberam dele, e mostraram o seu reconhecimento à menina e a sua mãe.

Depois do menino, que se chamava Rui, entrar em convalescença, vinha várias vezes brincar em casa de Mariazinha.

Como a caridade é bela, especialmente nos corações infantis!

Maria da Conceição Macedo

e  
Ana Eduina de Lacerda Ferreira

3.º ano-A

# Carnaval

O carnaval é uma festa anual que vem na tradição dos nossos antepassados, e uma época de alegria, em que surgem as «partidas» e uma vida de entusiasmo e divertimento constante.

Mas qual a origem verdadeira do carnaval ou entrudo?

O entrudo, nos tempos recuados da história, filia-se nas Saturnais Romanas, nas festas em honra de Dionísio; e as máscaras talvez tenham nascido do culto aos mortos, para que os homens fossem libertados dos espiritos maléficos. Por outro lado, o carnaval parece ser a despedida da carne para se entrar no tempo santo de recolhimento e abstinência da Quaresma.

O certo é que, em algumas partes do mundo, o carnaval perdeu todo o seu sentido de tradição histórica, para dar lugar a um período de desenfreada loucura e até de orgias, que certos preceitos da moral levam a condenar, e em que muitas pessoas se servem das máscaras para se intrigarem umas às outras e muitas vezes para cometer crimes.

Mas o carnaval cristão é aquele em que existe uma alegria sã, o que é enfeitado com serpentinas, papelinhos e «confetti», onde as crianças fantasiadas representam engraçadas peças e se vêem desfilar cortejos de carros alegóricos, de cor e animação, e ao mesmo tempo criando um ambiente em que reine a compostura e a sensatez.

Por isso, saibamos desfrutá-lo e vivê-lo com despreocupação, alegria e dignidade.

Ora nestes dias há animação desusada por quase toda a parte...

Porquê?...

— Aproxima-se o carnaval!

Muitas raparigas e rapazes esperam-no ansiosamente inquietos.

Anseiam pelos bailes de máscaras, onde, adquirindo uma falsa «personalidade», passam umas horas para eles encantadoras. Às vezes, porém, são vazias, tempo perdido que não serviu para nada.

Vivem intensa e erradamente estes dias, correndo de baile para baile, à procura de mais aventura, mais, sempre mais.

Mas em tudo isto que se pode encontrar? Umhas horas de prazer nas quais muitos esquecem os seus íntimos deveres, para se entregarem a uma efémera diversão, que afinal é como o fumo; pouco depois de aparecer dilui-se, ficando-nos apenas a sensação de o ter visto e nada mais.

Mas nem todos vêm o carnaval por este prisma.

Há quem formule esta pergunta:

= Pode uma rapariga cristã divertir-se no carnaval?

= Creio que sim.

Há duas formas de nos divertirmos: uma, louca e desenfreada, não olhando a nada senão ao seu objectivo: gozar.

Outra, aquela que em tudo e todos encontra motivos de alegria, pura e sã. É essa a verdadeira alegria cristã, isenta de frases de segundo sentido e outras tantas coisas que servem para corromper a sensibilidade dos jovens.

Entretanto o carnaval é um meio de uma rapariga se valorizar, impondo, com o seu exemplo correcto e digno, a verdadeira forma de passar alguns dias com satisfação e dignidade. Pode também ser vivido sem nada que fique a pesar na consciência. Pois vivamo-lo assim.

Maria Fernanda Serpa

Maria Manuela Correia

4.º ano-A

## Campeonato de Andebol da M.P.

### 1.ª Volta

#### 1.ª Jornada

6.º ano, 12 — 7.º ano, 4  
5.º ano, 11 — 4.º ano, 10

#### 2.ª Jornada

6.º ano, 9 — 5.º ano, 16  
4.º ano, 8 — 7.º ano, 9

#### 3.ª Jornada

6.º ano, 13 — 4.º ano, 9  
7.º ano, 9 — 5.º ano, 12

### 2.ª Volta

#### 4.ª Jornada

4.º ano — 5.º ano  
O 5.º ano não compareceu.  
7.º ano — 6.º ano

O jogo foi anulado em virtude do 7.º ano ter sido

castigado com um jogo de suspensão.

#### 5.ª jornada

7.º ano — 4.º ano  
O 4.º ano não compareceu.  
5.º ano, 11 — 6.º ano, 6

#### 6.ª Jornada

5.º ano, 6 — 7.º ano, 7  
4.º ano — 6.º ano  
O 6.º ano não compareceu.

### Os 10 melhores marcadores do campeonato

João Castro, 35; Vasco Capaz, 19; Sérgio M., 15; Helder C., 12; M. Loureiro e Eduardo B., 10; Carlos Terra, Jorge Dart, J. Machado e Constantino A., 5.

### Classificação final

	J	V	D	E	Golos	Pontos
1.º — 5.º ano	6	4	2	—	53	8
2.º — 6.º ano	6	3	3	—	40	6
3.º — 7.º ano	6	3	3	—	29	6
4.º — 4.º ano	6	2	4	—	27	4

## CAMPEONATO DE TIRO AO ALVO DA M. P.

Abaixo apresentamos a lista dos doze primeiros classificados no Torneio de Tiro ao Alvo com carabinas de ar comprimido, organizado pela M. P. e ao qual concorreram 21 filiados.

### PROVA DE ENSAIO

- 1.º-Carlos Labescat-39 p.
- 2.º-Guilherme Pinto-38 >
- 3.º-Norberto Frayão-37 >
- 4.º-Vasco Capaz-37 >
- 5.º-António Freitas-36 >
- 6.º-Carlos Frayão-34 >
- 7.º-Henrique Silva-34 >
- 8.º-Luis Goncalves-33 >
- 9.º-Aristides Tab.-32 >
- 10.º-Faria Dinis-31 >
- 11.º-Carlos Macedo-29 >
- 12.º-Tomás Vieira-25 >

### PROVA DE HONRA

- 1.º-António Freitas-118 p.
- 2.º-Vasco Capaz-114 >
- 3.º-Carlos Labescat-106 >
- 4.º-Guilherme Pinto-104 >
- 5.º-Luis Goncalves-102 >
- 6.º-Carlos Bettenc.-102 >
- 7.º-Carlos Frayão-99 >
- 8.º-Henrique Silva-97 >

- 9.º-Tomás Vieira-97 p.
- 10.º-Norberto Frayão-88 >
- 11.º-Faria Dinis-85 >
- 12.º-José A. Goulart-78 >

## A VIDA

O que ainda ontem era futuro  
Hoje é presente,  
Amanhã será passado...  
Assim é a vida,  
Uma corrida  
De tempo perjuro  
Que me leva arrastada.  
A noite vem  
Me leva p'ro Além;  
Aqui fica o mundo  
Com mais alguém  
Que nascerá, viverá,  
Morrerá...  
E a vida corre  
E a morte vem  
Qual menino embalado  
Por sua mãe.  
Assim é a vida  
Uma corrida  
De tempo  
Que me leva a mim  
E a mais alguém...

Flor de Lis

# O MUNDO EM QUE VIVEMOS

Quem não desejaria viver num mundo diferente desse que hoje se nos apresenta, cheio de crimes, ideias erróneas, orgulho, inveja e ociosidade?

A sociedade e os governantes deixam-se influenciar facilmente por ideias que lhes não convêm, sendo muitos levados aos poucos a cometer os mais hediondos crimes.

O orgulho e a inveja que levam os homens a desencadear lutas sangrentas por mera ambição, não fazendo caso das vidas que se expõem à morte nem das famílias que choram eternamente a memória dos que lá ficaram...

\* \* \*

«A ociosidade é a mãe de todos os vícios», e embora muitos não pensem assim, podemos averiguar a veracidade deste aforismo. Observando no decorrer do dia a dia, vemos que muitos dos que se entregam a esse vício facilmente vêm a cair no precipício do mal, não sentindo força de vontade pa-

ra retroceder... Males sociais males individuais!

\* \* \*

Pela rádio, nos livros como em jornais e mesmo em conversas, criticam-se e procuram resolver-se esses grandes males inimigos de uma Humanidade sedenta de paz, de união e de concórdia.

As conclusões a que chegam são muitas vezes erradas, pois para alguns a resolução seria condenar à morte aqueles que consideram perigosos e criminosos.

Seria uma boa medida mas não a mais eficaz e aconselhável.

E nós no meio de tudo isto? Julgamos sempre que a culpa... é dos outros.

Se cada um procurasse transformar o seu mundo, que deseja mais perfeito, se procurasse levar outros a realizar o mesmo intento; se todos se convencessem de que não é deste ou daquele a culpa, mas dele mesmo, de cada um de nós o mundo seria melhor, com certeza. Mas, como a culpa é dos «outros»... nem sempre contribuimos para o melhor.

Délia

## Tempestade

(Conclusão da 2.ª pag.ª)

Fu não me fiz rogado e falei-lhe duma viagem que acabava de fazer.

Nesse caso, vou esclarecê-lo acerca disto, disse ele depois de satisfazer a sua curiosidade.

Na noite de ontem, nós dormíamos tranquilos, quando com tal fúria uma enorme tempestade se desencadeou, que passadas ainda não eram duas horas, começou a causar enormes destroços.

Penetrando pela garganta norte do vale e galgando terreno tudo devastou.

Alguma coisa escaparia se, por infelicidade, o rio não tivesse saído do seu leito, entrando também em cena.

Se o vento foi um golpe duro, o rio muito pior. Agora é isto que vê. Tudo é desolação.

Ao ouvir o relato, o meu conceito acerca do lago sereno modificou-se por completo: já não o via como sendo um grandioso panorama; agora, pensando nas desgraças que causara, via-o com ódio...

E o ódio de tal forma me abalou que de repente... acordei! Ainda bem! Fora um sonho... Mas quantas vezes na vida os tormentos morais nos mostram a fealdade daquilo que julgamos belo!

Manuel Amaral de Frias

4.º B

## Cuidado com o enjôo...

Aqui há tempos uma aluna do 5.º ano andava pensando em ir para a América. Afinal acabou por desistir, mas, ao que parece, criou um amor tão grande a viagens (ou a outra coisa qualquer), que resolveu ingressar na Marinha.

E ingressou mesmo, mas na de Guerra!...

Cuidado que essa vida é perigosa!

## Mas que doença!...

O 1965 trouxe consigo uma grande doença, cujos dois tipos mais perigosamente epidémicos são:

1 — Entreter-se nas aulas a admirar e a limpar as unhas.

2 — Distrair-se a roer nas mesmas.

## Força Centrifuga!

Estava a malta no Largo, quando passou perto da baía um navio de carga que, por sinal, ia um pouco inclinado, talvez devido à disposição dessa mesma carga.

Houve comentários ao facto, mas o T. atalhou, sem pestanejar:

— Vai inclinado para poder dar a curva ao passar o Monte da Guia!

Resta saber se o piloto é algum cilista reformado, habituado a vencer a força centrífuga nas curvas.....

## Quem é...

O menino sextanista que tem a mania de atirar canivetes, assustando as colegas mais nervosas?...

## Atenção

### AVISO A TODOS OS ALUNOS DESTE LICEU

Ficam por este modo avisados todos os alunos deste liceu de que está rigorosamente proibido o fornecimento de armas, instrumentos cortantes, cordas, ou qualquer outro utensílio que possa causar danos corporais, ao Sr. J. Policrômio.

Mais informa e aconselha o mesmo a um isolamento quase total, com vista aos seguintes objectivos:

- Livre expansão das suas mágoas.
- Segurança pessoal dos colegas.

O não cumprimento das supraditas ordens, implicará um rigoroso castigo, visto, previsto e revisto pelo art. N.º 11, § 19 do «Código penal de tratamento e assistência às mais graves doenças de coração».

O acima determinado perderá a validade assim que o doente voltar à normalidade.

### A COMISSÃO ENCARREGADA DA CURA a) ilegível

## Quem é...

... A criança crescida do 6.º-F?...

\* \* \*  
O professor pergunta a outro aluno do 6.º-F a que tipo pertencem os aracnídeos. Como o aluno não sabia, o professor foi enumerando vários, até obter esta resposta:

— Aos Vermes!... Mas que cientista!...

N. B. — Devemos esclarecer que qualquer coincidência, como os casos acima, na colocação das «piadas» (se é que assim lhes podemos chamar!), é motivada por simples conveniência topográfica.

## Propriedade de linguagem

Quem é o aluno que gosta que os outros falem «mais legivelmente»?...

## “Casino Surpresa”

Temos a honra de comunicar aos nossos leitores que acaba de abrir o novo «CASINO SURPRESA» fundado por um activo grupo de meninas do 7.º Ano, na aprazível Avenida Marginal.

Damos a seguir os nomes da direcção dessa recente organização, que tem por fim fazer vigorar a «CAMPANHA DEFENSORA DO TABACO»:

Presidente: I. S.  
Vice-presi.: N. G.  
Gerente: H. F.  
Conselho fis.: I. R. e O. V.

## Esperança é o remédio...

Não desespere O. !  
Esse amor nobre e brasonado que tanto desejas, há-de acabar por surgir.

Pode ser que *ele* acabe por depôr aos teus pés o coração há muito por ti desejado!...

Pode ser...! Pode ser...!

## Tanta Prima!...

Quem é o menino que compara três colegas a três primas (existirão elas?), e que, a cada uma, em diferentes dias, diz:

— És muito parecida com a minha prima! Sabes, vou casar com ela, mas se ela morrer caso contigo. Está bem, pá?

Olha se as primas sabem disso! ..

## Distracção ou...

No exercício escrito de Geografia do 4.º ano, uma das questões postas era:

«Qual a diferença entre os climas dos planaltos do Decão e da Arábia?»

Um aluno apresentou como grande diferença o clima *tropical musical* que um deles possuía ..

E' caso para, como a professora também fez, perguntarmos:

— Que instrumento toca ele ?

# O Prémio Nobel e Portugal

Nobel, o engenheiro sueco inventor da dinamite e considerado o progenitor da energia atómica, ao morrer legou ao mundo enorme fortuna. No seu testamento instituiu que, com os juros desse grande capital, se premiassem anualmente obras de valor, de autores de todo o mundo. São vários esses prémios: os de Física e Química, atribuídos pela Academia de Ciências Sueca. Os de Medicina e Fisiologia outorgados pela Faculdade de Ciências de Estocolmo e o da Paz pelo Parlamento Norueguês. E avulta entre todos o Prémio de Literatura.

Embora a nossa Literatura bem o merecesse, a Portugal nunca foi atribuído o Prémio Nobel literário.

O único Prémio Nobel conferido a um português foi o de Medicina, compartilhado pelo médico de renome Dr. Egas Moniz, que fizera notáveis estudos sobre angeografia cerebral. Foi em 1949. A obra que o mereceu apresentava no-

vos processos de cirurgia mental. Este grande vulto da Medicina Portuguesa e até mesmo internacional, escreveu um livro que honra a Ciência Portuguesa, e a aplicação dos processos divulgados por Egas Moniz abriu novas perspectivas em todo o globo, para operações melindrosas e arriscadas, na zona cerebral, até então impossíveis.

Distinguiu-se também Egas Moniz por um trabalho de psicologia, em que interpreta a obra de Júlio Dinis, em função da personalidade do autor. Intitula-se «*Júlio Dinis e a sua obra*», 2 volumes (1924). Nesse estudo analisa as condições psíquicas da produção da obra literária, considerando-a como projecção artística da maneira de ser do próprio autor.

Faleceu pouco depois de 1949. Evocamo lo, nesta breve nota, unicamente por o seu nome representar um valor cultural para Portugal e para o mundo.

M. L.

## Até pelo Telefone!...

Há tempos na sede dum clube desportivo, depois do treino, uma jogadora (sobrenaturalmente inspirada, com certeza, como vamos ver), volta-se para as outras e diz:

— Vamos telefonar, não sei ainda para onde.

Responde outra:

— Olha: experimenta para o Café.

— Pois sim.

Então a tal liga para o Café e pergunta ao empregado que atendeu:

— Quer fazer o favor de me dizer quem é a malta que está aí?

— Desculpe, minha senhora, mas agora só um senhor idoso aqui se encontra.....

A conversa continuou, ficando, por fim, combinado que, quando aparecesse alguém da malta, ligassem para o dito clube.

O que é certo é que o telefone tocava daí a pouco e a tal menina atendeu a alguém que, se era ou não da malta, isso não sabemos.

Travou-se então um diálogo de características bastante semelhantes às dos do Raúl Solnado, também pelo telefone, mas com umas variantes bastante mais interessantes, tão interessantes que um encontro foi marcado para esse mesmo dia às três horas,

## ALQUIMISTA...

Numa aula de Ciências Naturais do curso pré-universitário, após se terem enumerado todos os minerais do ferro, o professor interroga um aluno:

— Aponte outra vez um minério de ferro.

Resposta imediata:

— O diamante.

Misericórdia!... Será que vêm muitos diamantes de S. Miguel?

## Quem é...

... O menino do 6.º ano que queria uma piada para si no «Arauto»?

em frente ao Banco de Portugal (isto é que é andar bem informados).

Mas, o mais engraçado é que os encontros não ficaram por aí...

Repetiram-se e... repetem-se.

Qualquer dia também já há casamentos pelo telefone!...

## VAI PARA A TROPA!!!

Numa das frequentes conversas do nosso amigo C. com as colegas, surpreendemo-lo na seguinte confissão:

— Tenho notado que ultimamente ando um pouco esquecido!

A M. J. muito oportuna:

— Não me digas que vais para a tropa esquecido?!....

Esquecido ou não, a verdade é que o rapaz veio para questão, porque tivemos ocasião de observar os seus treinos para a vida militar.

Tanto serve de alvo como de atirador!

Ao efectuar a primeira prova teve como consequência um golpe de sabre (não era de sabre mas de canivete) num braço!

Na última prova, andou bombardeando as ruas da cidade com uma metralhadora oculta debaixo do casaco.

Porém, aterrou após o combate e vimos então que o objecto bélico era uma garrafa de Porto!

Mas que azar uma derrota logo à primeira! Bem, mas também é herói quem sabe perder!...

## Quem é...

O menino «QUER DIZER» do 7.º ano?

## Mas que agressiva!...

Referindo-se à «lei dos três estados» de Augusto Comte, o professor pergunta:

— Quais as idades na evolução progressiva da humanidade?

I. (lá do canto):

— A Idade da Pedra e a Idade dos Metais!

E' preciso ter coragem para dar uma pedrada destas num filósofo, mesmo assim de caras!!!...

## A Casa Cine - Fayal S. C.

Tem a honra de apresentar a obra recentemente realizada nos seus próprios estúdios, em ambiente carnavalesco, que conquistará as multidões!...

### AMOR A UM CANTO

Com os novos artistas, cujos talentos só agora foram descobertos:

**Michel Lourier e Nelle Mené**

Num «night-club», enquanto por toda a sala reina animação e alegria, numa mesa, a um canto, nasce um novo e romântico idílio; todo o enredo decorre à volta de um lenço (de cabeça)

Certas cenas são duma perfeição impressionante, porque foram filmadas sem que os actores o soubessem

N. B.— Como o filme poderá não agradar «a certas pessoas», a entrada será rigorosamente fiscalizada.

## Quem é...

... A menina do 7.º ano que deu a sina a ler e ficou acreditando, embora sendo muito católica?

## Na Aula de Organização

Professor:

— Quem é o Chefe do Estado?

Aluna (depois de pensar um bom bocado):

— E' o almirante Américo Tomaz!

Não atendendo a que é de compreensão lenta, podemos dizer que a O. fez uma grande descoberta.

## Quem é...

... O menino risonho, sem piada, do 6.º ano de ciências, que é da TERRA, mas não sabemos de que terra?

## Quem é...

... A menina do 5.º ano que passa os dias à janela para ver uma nova «padaria» que abre diariamente ao pé do «Capitólio»?

Até parece que o pão dessa «padaria» é muito apreciado para acompanhar «carne de raposa.»

## CINE PROGRESSO (S/C)

Em estreia a sensacional película:

### Tua para Sempre

com: JOHN CASTRY e HIZARY

Verdadeiro simbolo dum amor puro que vence os maiores obstáculos. Dois entes apaixonados que não obstante a sua diferença de «nivel cultural» se amam loucamente

Incrível!

Único!

N. B.—Embora com algumas imperfeições dos «actores inexperientes», é uma película que vale a pena ver...

No plaino que se estende em frente do solar de D. Ordonho, vê-se a multidão febril, como num arraial festivo, formigar.

É um dia tranquilo e limpido de Abril. Respira-se no ar dormente e aveludado não sei que vago eflúvio amoroso e subtil...

O alegre gargalhar juvenil e cantado das moças, irrompendo entre o geral rumor, recorda uma papoula a irromper dum prado.

Que festejo irá dar o esplêndido senhor neste dia de abril inebriante e belo, pois assim anda o povo alegre e palrador?

Entre feixes de lenha, em frente do castelo  
ergue-se um alto poste a que se vê atado  
um fantástico ser. Ossudo e amarelo,

seu adunco perfil, de rugas retalhado,  
faz pensar em sabats, em ritos pavorosos  
em que o anjo do mal na treva é adorado.

É a odeada bruxa. Em torno, rancorosos,  
insultam-na os vilões, e a pobre mudamente  
os olhos esgazeia, aflitos e medrosos.

Acerca-se da velha, aterrada e tremente,  
empunhando um archote, um servo do solar.  
Vozes por entre a turba exclamam ferozmente :

—«Vai a marrana enfim com Belzebu casar!»  
Surge o fumo da pira em rolos sufocantes,  
e as chamas, palpitando, elevam-se no ar.

A triste irrompe então em gritos lancinantes  
de acordarem horror nas pedras das calçadas.  
Activam a fogueira as urzes crepitantes...

E enquanto toda em chama, as faces já chagadas,  
num sofrimento atroz se estorce a viva tocha,  
elevam-se em redor apupos e risadas  
que arremedam ao longe os ecos duma rocha.

# NOVOS POEMAS

## A S E R E I A

Ao zéfiro da tarde os panos desfraldados,  
singrava augusta e bela a grande nau de guerra.  
Sobre o límpido azul ao longe esfuminhados  
morriam lentamente os contornos da terra.

Cravado o vivo olhar no fulgor do poente,  
cismava o capitão de pé no tombadilho.  
Na sua alma de herói ardiam febrilmente  
aspirações irmãs do vesperino brilho.

Ele via-se, após façanhas sem iguais,  
depois de conquistar feéricas regiões,  
recebido na pátria em festas triunfais,  
entre o clangor da tuba e loucas ovações.

Uma vasta erupção de rubi e diamante,  
ao lado do ocidente, ardente se ostentava,  
exteriorizando o sonho deslumbrante  
que, como viva aurora, a alma lhe doirava.

E a majestosa nau, cortando o mar fagueiro  
na veludosa paz da tarde extasiada,  
singrava, conduzindo o moço aventureiro  
a um remoto Eldorado, à glória suspirada.

Adormeceu o sol, as tintas do poente  
morreram pouco a pouco, e no mar estanhado  
a morosa assunção do lânguido crescente  
estendia um lençol imenso de brocado.

E à luz desse farol, que a leste se elevava,  
cortava o mar de prata o vasto galeão.  
De súbito uma voz melodiosa e clara  
sobre as águas se ergueu em trémula canção.

«Oh! as sereias! — disse um velho marinheiro,  
fitando em sobressalto as ondas sossegadas.  
Que nos defenda Deus do encanto traiçoeiro  
de que é dotada a voz dessas marinhas fadas!»

E ao luar de balada o canto se espargia,  
doce como um gemer saudoso de violinos,  
nas almas acordando a vaga nostalgia  
de grutas de coral, de reinos submarinos...

Nunca à noite essa voz corta o silêncio augusto  
sem que no coração do sonhador suscite  
a ânsia de enlaçar o gracioso busto  
das nereides que oculta o reino de Anfitrite,

Ante a alma a visão lunar, confusa, avulta  
dum reino sem igual, de encantos ignorados...  
Ignota região no bátrio sepulta  
e donde os corações se sentem exilados.

Parara o galeão. O jovem almirante,  
escutando a canção na tolda, mudo e a sós,  
pouco a pouco esqueceu o sonho rutilante  
de conquistas, de glória, ante esta doce voz.

Sentia o seu ardor como que por encanto  
fanar-se, num langor suave diluir-se...  
Prendiam a sua alma as notas desse canto  
como os filtros duma potente Circe; (1)

e toda a longa noite absorto, extasiado,  
da sirene escutou a doce voz sem par,  
enquanto imóvel sobre o mar cristalizado  
dormia a grande nau unvida de luar.

Raiou enfim a aurora, o horizonte bruno  
tingiu-se de carmim e raios de oiro ardente.  
E a suave canção da filha de Neptuno  
nas ondas se afogou, sumiu-se lentamente.

Então o moço herói, sentindo desmaiar  
perdida no abismo essa canção sonora,  
a amurada galgou, arremessou-se ao mar  
e mergulhou, seguindo o rasto da cantora.

---

1 — Este verso saiu assim na 1.<sup>a</sup> edição, com manifesta omissão duma palavra que o original naturalmente continha, a seguir a *filtros*.

Ele que se embebia à noite em sonhos belos  
de vitórias sem fim, ao despontar da aurora  
tudo, tudo olvidara, aos mágicos apelos  
dessa filha do mar, de voz embaladora.

E a sereia a sorrir com ar enamorado  
estrita o moço herói ao frio coração ;  
ao abismo o conduz nos braços enlaçado,  
e esse amor o converte em mísero tritão.

O triste hoje percorre as glaucas profundezas  
em monstro transformado, entre seres medonhos...  
Gelou-se-lhe a paixão de glórias e proezas,  
para sempre esqueceu os seus heróicos sonhos.

. . . . .

Nobre descobridor que intrépido mareas  
em busca dum país feérico e distante,  
que te defenda Deus do canto das sereias  
que arrasta para o abismo o incauto navegante!

# O PASTOR SOLITÁRIO

(Écloga)

No topo dum outeiro verdejante  
O pastor Filomeno está sentado,  
a mão na face, o vago olhar errante.

Seu aspecto é tristonho e concentrado.  
Parece absorto numa amarga dor,  
como um inconsolável desterrado.

Nos ombros musculosos do pastor  
vêm-se presas (coisa singular!)  
duas enormes asas de condor.

E, enquanto ali se esquece a meditar,  
sem que ele o sinta, Armando, outro zagal,  
vem no seu ombro a destra colocar.

## ARMANDO

—«Porque te afundas em tristeza tal,  
tu, pastor semideus, homem alado  
que na terra não tens de certo igual?

Tu, que possuis o dom tão invejado  
de elevares ao éter inefável,  
como a águia real, o voo ousado,

porque tens sempre um ar inconsolável,  
como um grilheta ou condenado à morte?  
Donde vem essa mágoa inexplicável?»

## FILOMENO

—«Acaso invejas minha estranha sorte,  
ingénuo amigo? Julgas que voar  
é dom que nos orgulhe ou nos conforte?

Como se engana quem assim pensar!  
Para que possas ver tua ilusão,  
vou-te as minhas tristezas confiar.

Deu-me uma fada há muito este condão  
de me evadir da terra, asilo estreito,  
e qual águia vogar pela amplidão.

Senti-me então feliz: era um eleito  
em demanda do éden perenal.  
Arfava louco meu ingénuo peito.

Subi, subi, subi . . . Mas afinal  
cansado, desejei vir repousar,  
e baixei lentamente sobre um vale.

Pela alfombra ondulante como um mar  
um formoso rebanho se fartava  
e uma jovem zagala, a suspirar

uma trova amorosa, vigiava.  
Era lindo o seu rosto trigueirinho.  
Vendo-a, senti que o coração pulsava.

Nunca até este dia em meu caminho  
encontrara mulher tão sedutora.  
Seu olhar era doce como arminho...

Mas, ao ver-me descer, eis que a pastora  
seu trovar interrompe e assombrada  
os olhos de veludo em mim demora.

Aproximo-me e em voz entrecortada  
de comoção, o meu amor confesso;  
tento beijar-lhe a destra delicada.

Neste doce momento até esqueço  
o meu dom de ascensão, as grandes asas  
com que ao Olimpo, altivo, me arremesso.

Os meus olhos ardentes como brasas  
fitam os belos lábios da zagala.  
Ó fogo da paixão, como me abrasas!

Mas (ao lembrá-lo o coração me estala!)  
em voz mais doce que o balar dum anho  
com estas falas ela me apunhala:

*Como te posso amar, homem estranho,  
que, qual um génio, vogas pelo ar?  
Eu, pobre guardadora dum rebanho,*

*posso acaso em teus braços desfrutar,  
em tens braços de arcanjo, essa ventura  
que uma humana afeição nos faz gozar?*

*Um deus, um ser descido lá da altura  
da sidérea mansão, entre os mortais  
causa pasmo e assombro, não ternura.*

*Busca além, entre as deusas imortais,  
quem com ardor receba o teu ardor,  
quem te envolvã em carícias perenais.*

*Não, não te posso amar, anjo ou condor.  
Quando contemplo o teu estranho ser,  
nasce o espanto em mim, matando o amor.»*

Ah! nesse instante desejei morrer!  
Nunca punhal rasgou mais cruelmente  
que esses formosos lábios de mulher.

Eis o que devo ao dom surpreendente  
que tanto me invejais : viver a sós,  
de affectos exilado eternamente...

Fecham-se os corações — tortura atroz! —  
ao meu amor; espalho o pasmo e medo  
como um duende ou dragão feroz...

Da minha eterna mágoa eis o segredo,  
eis porque triste cismo neste outeiro,  
num aprilino dia olente e ledó.

Quem fora um trivial, pobre cabreiro,  
cantando e amando ao sol, ao vento agreste,  
como tu, meu ditoso companheiro!

Maldita sejas, fada que me deste  
este dom de voar, fatal condão!  
Maldita sejas, sim, pois não quiseste,  
dando-me asas, tirar-me o coração!

## A L É M

A mão no rosto, assentado  
num cimeiro terraço,  
medita um velho encanecido e enrugado,  
cravando os olhos na extensão do espaço.

Em frente do terraço estende-se, gemente,  
o deserto tristíssimo do mar,  
E pelas águas alongando o seu olhar  
suspira o velho numa voz dolente :

— «Nasci num reino bem distante destas plagas.  
num castelo de torreões sombrios,  
que olham, como esta torre, as merencórias vagas  
e o esquisso delido dos navios

no horizonte vagamente recortado...  
Passei a infância, a primeira mocidade,  
dessas torres olhando o mar ilimitado.  
Suspirava em minha alma uma vaga saudade

de belas regiões perdidas  
na extensão do mar...  
E eu senti um desejo ardente de buscar  
terras desconhecidas.

A minha alma gemia: *Quem se vira  
bem longe deste velho e soturno castelo!*  
E, contemplando o horizonte de safira,  
cismava num país feèricamente belo...

Um dia vi-me, enfim — que dita! — comandante  
duma airoosa corveta  
destinada a partir para um país distante,  
que a minha fantasia de poeta

doirava. Fiz-me ao largo. Impaciente  
cansava os olhos na extensão indefinida,  
ansioso por ver surgir longinquamente  
a minha terra prometida.

Uma tarde afinal entrámos na baía  
da Canaan ignota.  
Com que alvoroço, com que alegria  
eu couduzia à terra a minha galeota!

Mas em vão percorri, dias e dias,  
esse país que eu sonhava tão belo.  
Aonde estavam as feerias  
que eu fantasiara outrora, a sós, no meu castelo!

Amarga decepção! Minha alma suspirava,  
sentindo como dantes  
a nostalgia de regiões distantes...  
Onde seria o Eldorado que a chamava?

Hoje, neste terraço, olhando o mar,  
apoiada na mão minha enrugada fronte,  
eu cismo no meu solar  
perdido para além do horizonte...

E o encanto de que estava este país vestido,  
quando de longe outrora o entrevi,  
sinto-o agora transferido  
para o solar donde parti!

## ÀS GRADES DA PRISÃO

Às grades da prisão, olhos extasiados  
vêm descer o sol sobre o mar de metal.  
Na tarde de âmbar há murmúrios espalhados  
como preces da terra à estrela vespéral...

No horizonte rutilante, a toda a vela  
passa um navio; é todo de oiro e de rubis...  
Onde vais, onde vais, brilhante caravela  
do rei poeta dum quimérico país?

É triste o alcácer, com salões frios e anosos,  
como as igrejas cheios de ecos cavernosos,  
com grossas portas de mosteiro medieval.

Mas desse interior taciturno, afastado,  
duma estreita janela, olhos extasiados  
vêm descer o sol sobre o mar de metal...

## MALDITOS

Eu sonho, e ante mim, inesperadamente,  
Roma pagã desbobra a sua perspectiva,  
ao clarão dum incêndio. Aclara a chama ardente  
pórticos e frontões, toda a cidade altiva.

Ensanguentando o ar e o céu profundo e belo,  
interrompeu a noite o incêndio que apavora.  
Afrouxa, empalidece o flavo sete-estrela  
ao trágico esplendor dessa infernal aurora.

E, entre o cavo ruir dos templos majestosos  
e a celeuma febril do povo desvairado,  
rolam como trovões rugidos pavorosos  
dos aflitos leões no circo incendiado.

De citara na mão, como nas noites ledas  
de pomposos festins, César, o artista, assoma  
num terraço, fitando as fulvas labaredas  
que apunhalam a noite e que devoram Roma.

Ante o incêndio, que espalha o desespero e a dor,  
palácios enguliu e templos vorazmente,  
tem um ar deslumbrado o louco imperador,  
como se contemplasse um mágico poente...

E enquanto os augustais, que o cercam nesse instante,  
lançam àquele horror um mudo olhar de espanto,  
ele eleva inspirada a sua voz vibrante  
e aos quatro ventos solta este perverso canto:

«Eis-me uma vez, enfim, perante o inaudito,  
ante o sublime horror por que a minha alma anseia,  
lassa de ter o olhar perpétuamente fito  
na imutável feição do mundo que a rodeia!

Sinto agora bem longe o tédio familiar  
— o pântano onde esta alma entorpecida boia —  
vendo alastrar-se rubro, aureoreando o ar,  
um incêndio aterrador como o da velha Troia.

Esse fogo que tinge a noite de vermelho,  
devorando, voraz, templos, moradas, vidas,  
no saltério desta alma entorpecido e velho,  
sacode, faz vibrar cordas jamais feridas.

Ave, Horror! pais duma magia ignota  
onde vem remoçar-se, impávido evadido,  
meu velho coração que se estiola e embota  
nesse cárcere estreito... o gozo permitido!>

Assim canta, ferindo a sua lira de ouro,  
o poeta do delírio, o épico do mal.  
E eu ouço em sua voz cantar o doido coro  
das almas que atormenta a fome de irreal.

Tua alma sintetiza, ó trovador sombrio,  
dos ansiosos do *novo* a raça torturada,  
a quem do estranho horror o inédito arrepio  
entremostra um momento a Canaan sonhada!

## E U

Terminara a batalha. A hoste triunfante,  
alevantando ao céu a voz atroadora  
ao som do atambor e do clarim vibrante,  
em coro celebrou a pátria vencedora.

Celebrou, aclamou a pátria estremecida  
por quem firme sofrera angústias e canseiras,  
por cujo nobre amor, maior que o amor da vida,  
o peito se expusera às lanças carniceiras.

Mas, tombando no chão, um misero ferido  
todo banhado em sangue, as faces descoradas,  
murmurou, alongando o seu olhar dorido  
à ovante multidão feliz dos camaradas:

— «A pátria! O que me importa a rútila alegria  
de toda essa nação eleita da ventura,  
se para mim chegou o derradeiro dia,  
se do Nada me aguarda a vasta cripta escura!

O que me importa, irmãos vitoriosos, ver-vos antegozando os bens que haveis de desfrutar, quando estiver partida a tiorba dos meus nervos e nos vossos festins já não puder vibrar!

Como pode existir o amor abnegado, que pelo bem dos mais despreza o próprio mal, se cada corpo vibra autónomo, isolado, insensível ao gozo e à dor do seu igual?

se, enquanto o vosso peito ao júbilo se entrega e o pavilhão da pátria ergueis à luz bendita, vejo o vidrado olhar dos mortos na refrega indiferente, alheio a quanto vos excita?

O que liga o meu ser a meus irmãos? Dizei. Se um de vós me vier os olhos trespassar, quando a luz deslumbrar os outros, poderei das suas sensações acaso partilhar?

O que me importa a pátria. a terra, tudo enfim  
o que, estranho ao meu ser, se agita egoistamente,  
se me vou extinguir e o eu que vibra em mim  
não será mais a alma, o eu de outro vivente!

Quem pudesse, ao partir-se o fio da existência,  
intactas transfundir na vida universal  
as minhas emoções, a minha consciência,  
roubá-las do Não-Ser ao bátratro fatal!

Senhor, porque fizeste a Vida fragmentada  
em vidas dum momento — enxame miserável?  
Não ser a Natureza inteira unificada  
numa alma como Tu, onnipotente, estável!>

## A BALEIA

Numa tarde outonal, cinzenta, em que se perde  
a linha do horizonte em névoas afogada,  
e em que um mar de tormenta, encapelado e verde  
se vem despedaçar na rocha alcantilada

dum promontório, eu olho os vagalhões sombrios  
e escuto do seu canto as trovejantes notas,  
a que vem misturar-se os lamentosos pios  
que soltam, ao passar, os bandos de gaivotas.

E, enquanto a grossa vaga o glauco dorso arqueia,  
chorando cavamente incognoscíveis mágoas,  
das entranhas do mar irrompe uma baleia  
que parece um recife a negrejar nas águas.

Vejo-a ostentar primeiro a colossal cabeça,  
e logo, toda à tona, os vagalhões fender,  
Um enorme repuxo aos ares se arremessa  
cada vez que respira o gigantesco ser.

E ante o monstro, que lembra a fauna primitiva,  
a minha alma assombrada assim cismando fica:  
«Que espírito te anima, estranha rocha viva,  
que misterioso deus te habita e vivifica?»

E percorre-me então um místico arrepio  
ao pensar nessa força, augusta como um deus,  
que impele o enorme ser, que vai, como um navio,  
cortando o bravo mar, rasgando os escarcéus...

. . . . .

Monstro, perante a vida — a incógnita energia  
que actua no teu ser tão poderosamente —  
domina-me o temor que o chefe hebreu sentia,  
ao falar-lhe Adonai da fulva sarça ardente!

## A FALSA DEUSA

Às vezes, ao fitar seu lácteo colo airoso,  
do seu rosto de grega a olimpica beleza,  
e esse profundo olhar, falerno capitoso,  
nimba-me o coração um manto de tristeza.

Não é que me visite a torturante ideia  
de que, sob o setim do peito arfante e belo  
que ostenta a sugestiva e grácil semideia,  
tranquilamente dorme um coração de gelo.

Não é isso, não é. Minha alma não se aflige  
de sentir no seu peito os gelos boreais,  
que o meu amor de esteta apenas se dirige  
à perfeição da forma, às linhas imortais.

O que me oprime o peito é a lembrança horrível  
de que aquela beleza olimpica, sem par,  
é como um véu que envolve a carne corruptível  
e que o vento da morte um dia há-de rasgar...

É pensar que esse corpo escultural e albente,  
digno de se elevar num pedestal soberbo,  
vai como os mais sujeito ao jugo deprimente  
da natureza, e em breve há-de ser velho e enfermo

É saber que essa Juno altiva se resume  
numa modalidade efémera do ser,  
e que um dia, tornada em pestilente estrume,  
há-de as plantas nutrir, o solo enriquecer...

Quem me dera, Senhor, poder divorciar  
desse corpo de lodo a forma que o reveste,  
e adorar essa forma erguida num altar,  
perfeita e imortal como um trecho celeste!

A beleza essencial! Em que morada etérea  
meu estéril amor, nostálgico, a adivinha?  
Quem pudesse arrancar-se ao jugo da matéria  
e face a face olhar a olímpica rainha!

Como cresce, meu Deus, a sede que me deste  
de imortal perfeição, ao ver por um momento  
da beleza suprema o esplendor celeste  
reflectido no pó que vai levar o vento!

## A VENUS ESQUELETO

Tendo por sobre a fronte um rico baldaquino,  
sentada sobre um trono essa mulher gentil  
expõe à multidão o seu rosto divino,  
o seu todo de deusa altivo e senhoril.

E prostrado por terra o povo reverente,  
contemplando-a num ar de enlevo e de surpresa,  
exclama a todo o instante inebriadamente:  
«Salve, Deusa imortal, rainha de beleza!»

Mas — estranho milagre! — essa beleza rara,  
diáfana se torna à minha vista, e então  
sob o seu lácteo rosto o meu olhar encara  
uma caveira a rir, olhando a multidão.

Uma caeveira ri, num mudo riso hiante,  
sob o fino setim das suas faces belas,  
e sob a tumidez do seio palpitante  
um esqueleto ostenta rígidas costelas.